

Blumenau *em cadernos*

TOMO X



ABRIL DE 1969



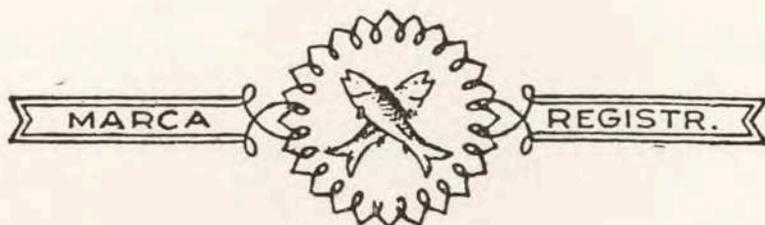
Nº. 4

INDÚSTRIA TÊXTIL

Companhia Hering

BLUMENAU - Estado de Santa Catarina - Brasil
RUA HERMANN HERING, 1790 - CAIXA POSTAL, N.º. 1

TELEGR.: «TRICOT»



FÁBRICA DE:

ARTEFATOS DE MALHA

FUNDADA EM 1880

Contribuindo para a

Grandeza do Brasil

em seu Comércio

e Industria

Blumenau

em cadernos

TOMO X - ★ ABRIL DE 1969 ★ - Nº. 4

O EXÉRCITO NO VALE DO ITAJAÍ

O mês de abril deste ano de 1969, assinala dois acontecimentos, ocorridos há 60 e a 30 anos atrás, que tiveram decisiva influência na vida social e no desenvolvimento econômico do município de Blumenau.

Povoada por colonos alienígenas, houve tempo em que a região do Vale do Itajaí era considerada um quisto racial. Os que conheciam a história da sua colonização, o caráter do seu empreendedor, a formação dos homens que vieram habitá-la e, sobretudo, os exemplos de verdadeiro e entranhado amor ao Brasil, partidos da gente blumenauense, conheciam as causas dessa anomalia. Sabiam-nas originadas do próprio descuido do governo imperial em dotar as colônias de europeus de instrumentos capazes de integrá-los, no menor prazo possível, no manejo do idioma, nos usos e nos costumes nacionais.

E se o governo imperial pouco olhou êsse aspecto do problema – que iria, mais tarde, gerar aborrecimentos sem conta – o da República não foi menos descuidado nem menos imprevidente. Ambos deixaram os núcleos de colonização estrangeira crescerem entregues ao seu próprio destino, aos caprichos dos seus administradores, quando não dobrados às injunções de interesses dos países de origem dos colonos.

Sòmente quando o problema assumiu proporções alarmantes é que os responsáveis pela integridade e segurança da Pátria começaram a pôr em prática as medidas que a prudência e o bom senso aconselhavam.

Blumenau, pelos excelentes dotes físicos, intelectuais e morais dos seus colonizadores, pelo desenvolvimento que, em pouco tempo, êstes puderam dar ao estabelecimento, tornado, pelo seu trabalho e a sua operosidade, num dos mais importantes centros agrícolas e industriais da Província e do Estado, foi um desses núcleos esquecidos dos governos. Um núcleo esquecido, sim, mas não divorciado da Pátria.

Aqui – e os seus anais estão cheios de expressivos exemplos de civismo – sempre houve amor ao Brasil, mesmo quando os homens que desbravaram o seu território não haviam nascido sob a sombra da bandeira auriverde, por êles sempre respeitada, defendida com o próprio derramamento do seu sangue.

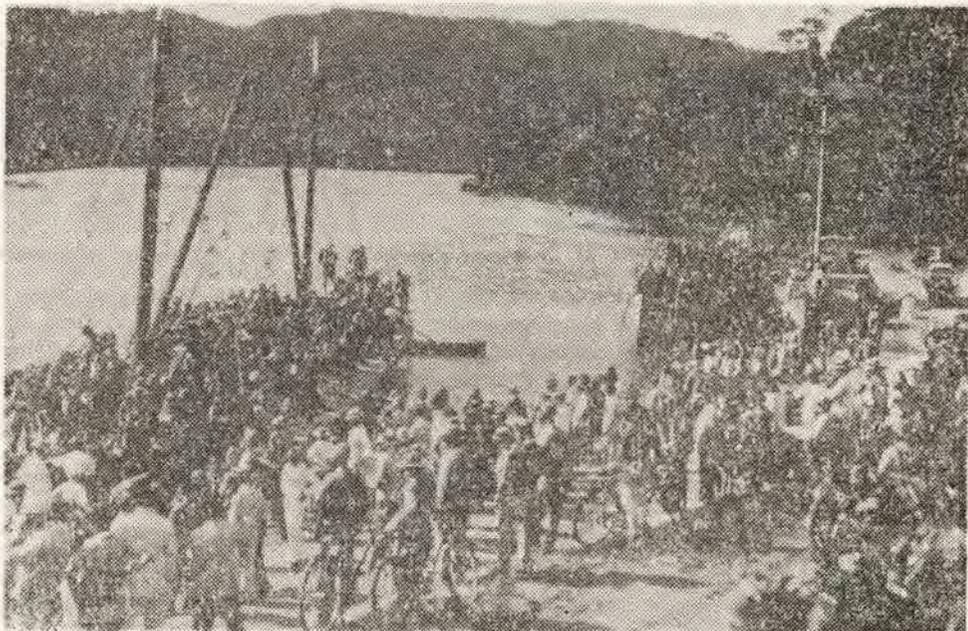
Por isso mesmo, foi com sincera alegria que, no já longínquo ano

de 1909, a então pequena e pacata cidade de Blumenau recebia a notícia de que o governo federal determinara sediar aqui uma das unidades do Exército Nacional. Realmente, da nova organização militar do país, elaborada no ano anterior, constava tal determinação.

E foi assim que, já em janeiro de 1939, os jornais locais passaram a noticiar o fato: "Já há algum tempo nós noticiamos que com a nova organização do Exército, Blumenau foi escolhida para sede de uma guarnição militar. Agora, segundo outras folhas nacionais, virá para cá, o 55º Batalhão de Caçadores que, nos meados deste mês, embarcará no porto de Aracajú".

O "Blumenauer Zeitung" de 27 de fevereiro do mesmo ano noticiava: "O Ministro da Guerra pediu informações ao Governador do Estado sobre se em Blumenau há acomodações para o 55º Batalhão de Caçadores. O governador, por sua vez, transmitiu o pedido ao sr. Feddersen (e não ao Superintendente?). O Batalhão está no Rio, pronto para seguir para cá".

Para que se compreenda a pergunta maliciosamente encaixada na notícia entre parênteses, é preciso que se diga que as relações políticas entre o governo Gustavo Richard e a situação blumenauense, encabeçada por Alvin Schrader, não eram muito cordiais, preferindo o governador, por isso, entender-se com o chefe político Pedro Cristiano Feddersen.



Chegada ao porto de Blumenau do 32º Batalhão de Caçadores, em 11 de abril de 1939. Vindos em lanchas de Itajaí até esta cidade, os bravos soldados dessa unidade do Exército, hoje o glorioso «Sintinela do Vale», foram aqui recebidos com sincero e grande entusiasmo, alvos das mais carinhosas manifestações de simpatia.

No sábado, 20 de março, veio a esta cidade, acompanhado do Capitão Vidal Cardoso, do tenente Nascimento e do Dr. Victor Konder, o Major Crispim Ferreira que, como comandante da unidade que aqui estacionaria, vinha examinar as instalações destinadas e necessárias àquela

instalação. Os visitantes foram recebidos festivamente “embora sem o costumeiro espocar de foguetes, nem o trombetear das bandas de música” pelas autoridades locais que, acompanhadas de grande número de personalidades de destaque, compareceram ao pôrto de desembarque e, depois dos cumprimentos e das apresentações, foram acompanhadas até ao Hotel Holetz, onde se hospedaram. No dia seguinte, domingo, os militares, em companhia do juiz de direito, Dr. Ayres de Albuquerque Gama, do Superintendente Alvin Schrader, do Cel. Feddersen e outros, visitaram a cidade e, ao mesmo tempo, examinaram o prédio destinado ao quartel e verificaram as possibilidades de acomodações para a oficialidade. À noite os visitantes participaram da festa realizada pela Sociedade de Ginástica, tendo, na ocasião, o major Crispim Ferreira se manifestado, em palavras muito elogiosas à associação, sôbre a conveniência e mesmo sôbre a necessidade da prática da ginástica para a boa formação física e moral do indivíduo. Na segunda-feira, foi pôsto à disposição dos visitantes, pelo diretor da Estrada de Ferro Santa Catarina (que só seria oficialmente inaugurada em maio seguinte), sr. Scheffler, um trem especial para um passeio até Ilse. A viagem decorreu magnificamente, tendo os visitantes trazido a melhor impressão do interior da colônia. A terça-feira foi dedicada às visitas às autoridades e às pessoas influentes da cidade, bem como aos jornais locais, o “Blumenauer Zeitung” e o “Der Urwaldsbote”. Na quarta-feira o Major Crispim e sua comitiva deixaram Blumenau, seguindo de vapor para Itajaí. Levaram daqui a melhor impressão possível, o que externaram nas suas despedidas aos que os acompanharam até a bordo do “Blumenau”.

Ficou assentado que o Batalhão, que era composto de 125 homens, entre soldados e graduados, 30 músicos e 18 oficiais, seria aquartelado ou no Barracão de Imigrantes, então ainda existente na entrada da atual Alameda Duque de Caxias, ou no edifício da própria Câmara Municipal.

Finalmente, embarcado no paquete “Orion”, o 55.º Batalhão de Caçadores deixou o pôrto do Rio de Janeiro, com destino ao de Itajaí. O navio, entretanto, ao deixar o pôrto de São Francisco, em que escalara, foi batido por forte temporal, durante o qual perdeu uma das hélices, obrigando-o a retornar a êsse último pôrto. O Batalhão passou-se, então, para bordo do vapor “Iris”, chegando, com êste, a Itajaí ao meio dia de quinta-feira, dia 29 de abril. Imediatamente fêz-se o transbordo da tropa para os dois vapores “Progresso” e “Blumenau” e para as lancha reboque que se puzeram em marcha, rio acima, às 2,30 h da tarde.

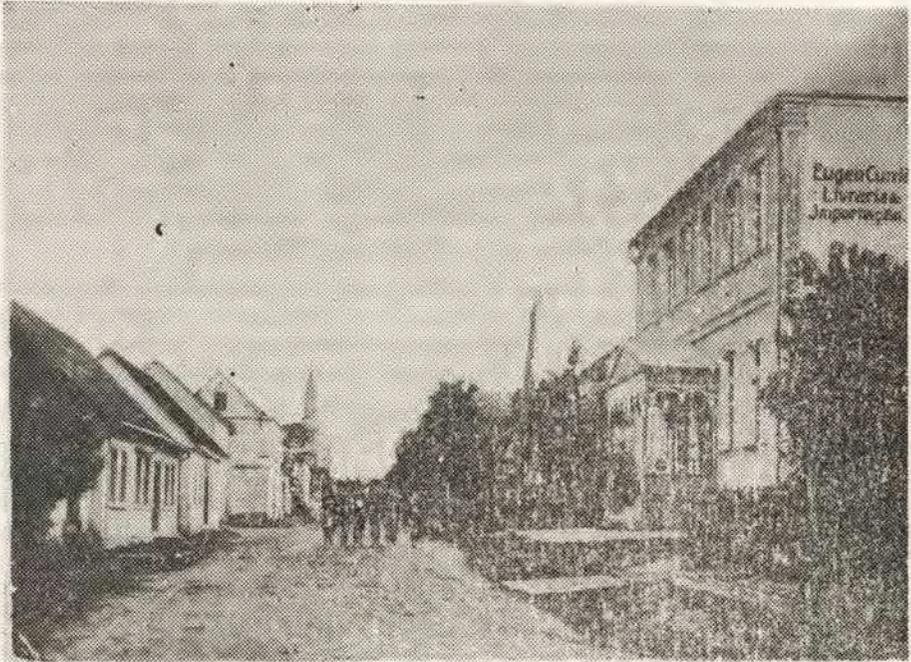
“Neste pôrto – escreve o jornal “Blumenauer Zeitung” – reuniram-se para receberem os militares, as autoridades e uma massa de povo como raramente aqui já se havia visto, e que aguardavam com intensa curiosidade e verdadeiro entusiasmo a chegada do vapor”.

Um pouco depois das 8 horas da noite, o vapor “Blumenau” apontava soltando estridentes apitos, na curva do rio, abaixo do pôrto, e, debaixo de intenso foguetório de tiros de morteiros, de vivas e hurrahs, atracava ao cais do jardim Hercílio Luz. A banda de música Werner tocou o Hino Nacional ao fim do qual a banda do batalhão, ainda a bordo, executou o hino da Prússia.

O fato comoveu profundamente a população que viu na execução desses hinos o prenúncio de relações ainda mais cordiais e mesmo carinhosas entre a gente blumenauense e os militares que chegavam para, aqui, juntos, redobrem de esforços e de iniciativas no sentido do engrandecimento de Blu-

menau para o engrandecimento, a felicidade e a glória da Pátria Brasileira. Depois de ter uma escolar saudado o Comandante Crispim Ferreira, em nome da mocidade, oferecendo-lhe um lindo ramo de rosas formou-se o cortejo, com os soldados à frente, até o prédio da Câmara Municipal, onde o juiz de direito, Dr. Ayres Gama saudou, em brilhantes palavras, o Tenente Coronel Crispim Ferreira e os seus soldados e oficiais, respondendo o comandante do batalhão em entusiástico improviso a afetuosa recepção, depois do que os soldados marcharam para o quartel provisório na "Gespensterstrasse", ou seja, na atual rua Ângelo Dias.

Os soldados chegaram em duas levas, mediando pouco mais de uma hora entre a chegada de uma e outra, a primeira puxada pelo "Blumenau", com suas lanchas-reboque e a segunda pelo "Progresso", mais vagaroso, também rebocando uma lancha.



Uma vista da rua 15 de Novembro, em Blumenau ao tempo da chegada do 55º. Batalhão de Caçadores. Trata-se da parte do trecho entre a rua Marechal Floriano e a igreja matriz. A livraria de Eugênio Curtilin ficava na mesma casa em que hoje estão a Casa S. Rita e o Quick lunch. As casas ao rés-do-chão ficavam onde hoje se situam as Lojas Hering e outros belos prédios vizinhos. A matriz ainda se apresenta sem as modificações sofridas em 1924 e que lhe alteraram completamente a beleza e a estética. Os dois sobrados, à direita, ainda existem: O primeiro onde hoje está o negócio da firma Comercial Brandes Reinert e o segundo da firma Grossenbacher.

O jornal de que estamos resumindo estas notas, o "Blumenauer Zeitung" assim termina a sua descrição: "Pois Blumenau está transformada em sede de uma guarnição do Exército e o memorável 29 de abril de 1909 daqui por diante estará presente nas páginas da história de Blumenau. E Deus abençoe a nossa cidade e o nosso Município!"

O 55º. B. C. soube cumprir a sua missão em Blumenau. E o fez com justiça e patriotismo. Alguns incidentes com elementos locais, mais por

desavenças particulares entre soldados e civis, em bailes e outras casas de diversões, não deslustraram a sua atuação prudente, equilibrada e, sobretudo, orientada para os superiores interesses da nacionalidade.

Em outubro do mesmo ano, o Comandante do 55°. determinou um período de manobras do seu batalhão e fêz publicar um convite aos rapazes de Blumenau para participarem, como voluntários, dessas manobras que durariam 15 dias. Esse convite era baseado na permissão constante da lei 1860, de 1908. Nada menos de 27 moços das melhores famílias blumenauenses se apresentaram para participar dessas manobras.

Na página 45, do Tomo IV destes "Cadernos" já publicamos, com uma fotografia, o nome desses rapazes que, com a sua atitude, cooperaram para que a missão do Batalhão sob o comando do Tenente Coronel Crispim Ferreira fôsse mais facilitada.

A permanência dessa unidade do Exército em Blumenau foi curta, apesar de que a oficialidade e os graduados já começassem a se entrelaçar, pelo casamento, com famílias blumenauenses.

Já em 1910, tendo havido um levante de navios da esquadra no Rio de Janeiro, o 55°. foi recolhido àquela capital para participar do combate aos marujos sublevados.

Por coincidência notável, trinta anos depois, em 1939 e também em Abril, Blumenau se torna, pela terceira vez (a segunda foi a relacionada com o estacionamento, aqui, da 9ª. Companhia de Metralhadoras Pesadas) sede de uma unidade militar e, desta vez, definitivamente.

É que, a 11 daquele mês e ano, aqui chegava, também recebido com festas e, sobretudo, com muito entusiasmo, o 32°. Batalhão de Caçadores sob o comando do então major, hoje general Nilo Guerreiro Lima. Desde então vem essa unidade do Exército Brasileiro, hoje transformada no 1°. do 23°. Regimento de Infantaria, contribuindo com o seu esforço patriótico, com o civismo do seu comando e da sua oficialidade para que Blumenau seja, realmente, um município rico e poderoso não apenas pelo seu potencial econômico, mas, também e principalmente, pela devoção de seus filhos aos superiores e sagrados interesses da coletividade brasileira.

Tinham razão os jornais da época. O 29 de abril de 1909 ficou na história de Blumenau, como ficará, também, e indelêvelmente, o 11 de abril de 1939.

Pela passagem, pois, do 60°. aniversário da instalação da guarnição do Exército em Blumenau, cumprimentamos o atual comandante do 1°. do 23°. R.I., sr. Coronel Antônio Carlos Tabora e Silva e a sua digna oficialidade que, pela sua conduta irrepreensível, pela serena justiça com que sabem manter a sua autoridade e exercer a elevada missão que lhes foi confiada, têm merecido a confiança e a estima de todos os blumenauenses.

A segunda Sociedade de Cantores de Blumenau, a "Freundschafts-Verein" (Sociedade da Amizade) foi fundada em 1°. de outubro de 1867 pelo professor Júlio Scheidemantel, que também era o seu dirigente.

BLUMENAU E A SUA IMPRENSA

Fundada em 1850, a Colônia Blumenau até 1881 não teve imprensa própria. Servia como órgão de divulgação dos principais acontecimentos que nela ocorriam, o jornal "Colonie-Zeitung" de Joinville, cujo primeiro número apareceu em 20 de dezembro de 1862.

Esse jornal, de pequeno formato (21,5 x 29,5 c.m.) tinha como editor responsável o Dr. Ottokar Doerffel e a sua distribuição era feita pelo livreiro J. H. Auler. Custava 160 réis o número avulso e assinatura anual 6\$000 e a semestral 3\$000. Aparecia aos sábados. Tinha como subtítulo: "Anzeiger für Dona Francisca und Blumenau" (Anunciante para Dona Francisca e Blumenau).

O primeiro número, não foi, propriamente, o número 1 (um) e, sim, um "Probenummer" (número de experiência). O número um da longa série de quase um século de vida que teve o jornal, apareceu a 3 de janeiro de 1863.

Embora ele se destinasse — como prometia no primeiro editorial — a ser, também, um cronista minucioso da Colônia Blumenau, não foi muita a matéria publicada, nos primeiros anos, com referência a essa Colônia.

Em Blumenau, era correspondente do jornal o pastor Oswaldo Hesse, homem inteligente, de grande cultura e dotado de um estilo correto, sempre impregnado de humorismo. A ele se devem interessantes correspondências relacionadas com fatos e estatísticas de Blumenau. Deve-se a ele, por exemplo, a narração da partida dos Voluntários da Pátria, em número de 56 (primeira leva) para os campos do Paraguai, a 5 de outubro de 1865 e a do primeiro crime de morte verificado na Colônia, de que foi vítima o oficial húngaro Michael Klempa, assassinado por seu colega de farda Stephan Szendro.

As dificuldades de comunicação entre Joinville e Blumenau, tornavam, entretanto, demoradas essas correspondências, de sorte que, quando o jornal chegava à sede da última Colônia, as notícias desta já não despertavam mais interesse. Assim é que de ano para ano foi se tornando menor o contato dos blumenauenses com a folha de Joinville.

Naturalmente, desde então, pensava-se em organizar um jornal próprio para a população de Blumenau que ia se desenvolvendo com segurança, embora não com a presteza que seria de desejar. Tal pensamento iria se concretizar em 1879, quando um grupo dos principais moradores de Blumenau reuniu-se e, constituindo-se em sociedade por ações, com um capital de dois contos de réis (Cr\$ 2,00), nomeou uma comissão de organização para angariar o capital e dar os necessários passos ao início das atividades.

Essa comissão, composta dos senhores Guilherme Scheffer, Luiz Sachtleben, Otto Stutzer, Henrique Clasen e Teodoro Kleine, pôs-se imediatamente em ação para levantar os fundos necessários.

As ações seriam de 20\$000 (Ncr\$ 0,02), que renderiam juros de 8% ao ano e resgatáveis, no máximo, em 5 anos. A importância arrecadada seria entregue ao sr. Hermann Baumgarten, que deveria liquidá-la no prazo estabelecido. Enquanto a tipografia não estivesse em funcionamento, as ações seriam manuscritas. Depois seriam impressas e assinadas pela comissão e pelo mesmo Baumgarten. As ações seriam resgatadas mediante sorteio, realizado em presença da Comissão Organizadora. O material tipográfico a ser adquirido

ficaria como penhor até a liquidação total das ações, depois do que passaria para a propriedade de Hermann Baumgarten. Caso êste não pudesse, por motivo de força maior, ou outro imprevisto, cumprir com essas obrigações, a Comissão Organizadora tocaria cumpri-las.

O título do jornal a ser publicado seria "Blumenauer Zeitung" ("Gazeta Blumenauense") e custaria 5\$000 a assinatura anual, sendo bissemanal e não pleitearia auxílio do govêrno. A redação do jornal seria entregue, provisoriamente, ao sr. Teodoro Kleine Sênior.

Comprometendo-se a manter-se fiéis à concretização de tal iniciativa, declarada de grande utilidade para o progresso e o futuro da Colônia, assinaram a lista de adesões os seguinte moradores de Blumenau: Guilherme Scheeffler, com 4 ações, Hermann Hering sênior, com 1 ação, Oto Freygang, Dr. Fritz Müller, com 1 ação cada; Dr. Hermann Blumenau, com 2; Franz Lungershausen, Pedro Hartmann, Dorotéa Knoblauch, João Gieseler, Augusto Keunecke, C. W. Roedel, Henrique Krohberger, Moritz Holetz, Henrique Koehler jr., Gerhard Jansen, Luiz Sachtleben, Pedro Wagner, A. Germer, A. Hoppmann, Th. Eggers, Pe. José Maria Jacobs, L. Beyer, A. D. Pershun, Henrique Clasen, Ludwig Hartmann, Gottfried Benz, Fr. Hoeltgebaun, C. Krambeck, Júlio Heidrich, Júlio Paupitz, Augusto Müller, Ernst Weise, Fr. Engicht, L. Wegener, W. Seeliger, Jens Jensen, Franz Lange, Theodoro Lueders, João Kroeger, Claus Rowen, João Karsten, Carl Glatz, Wilhelm Siewerdt, Wilhelm Kohlmann, Friedrich Klein, Hans Ehmke, Johann Krehnke, Wilhelm Peter, Hermann Priebe, Carl Benke, Wilhelm Benke, Hermann Ninow, Wilhelm Krahn, Friedrich Weege, Hermann Volkmann, Karl Draeger, Wilhelm Volkmann, Gottlob Enke, August Fiedler, O. Stutzer, Fr. Hostert, August Sutter, Johan Kluge, Goswin Zoz, Thomaz Flôres, Dr. Koehler, Cristian Rauh, Guilherme Asseburg, Meldola, Meldola Júnior, Emílio Groppe e Hermann Baumgart. A grande maioria subscreeveu uma ação. Alguns duas.

Em 31 de dezembro de 1880, a Comissão Organizadora e Hermann Baumgarten assinaram contrato, em virtude do qual todo o ativo e passivo da Sociedade Tipográfica "Blumenauer Zeitung" passou para a responsabilidade do segundo que se obrigou a fazer publicar, regularmente, o jornal, responder pelas despesas de sua publicação, pagar os juros do capital levantado, usar a tipografia para serviços sob encomenda, mas de forma a não prejudicar a regularidade da publicação do jornal, zelar pela conservação de todo o material. Tão logo Hermann Baumgarten tivesse pago à sociedade o valor das apólices e seus juros, passaria a ser proprietário de todo o acervo.

Afinal, depois de tantos meses de trabalhos e de negociações, a 1º. de janeiro de 1881 apareceu o primeiro número do "Blumenauer-Zeitung" sob a responsabilidade de Antônio Hirtel, como redator e de Hermann Baumgarten como editor. Êste, em 1899, tornou-se o responsável exclusivo, tanto pela redação, como pela edição do jornal.

A alma de todo êsse movimento foi o citado Hermann Baumgarten. Era filho de Júlio Baumgarten, imigrado em Blumenau em 1853 e que se casara com Margaret Wagner, filha de Pedro Wagner. Hermann aqui nasceu em 4 de abril de 1856. Fêz os estudos primários na escola pública de Blumenau, com o professor Harthental, depois do que seguiu para Porto Alegre e, posteriormente, para o Rio de Janeiro em cujas cidades aprendeu a arte tipográfica.

De regresso à sua terra natal, Hermann montou uma pequena tipografia. Mas, a sua idéia fixa era a de dotar Blumenau de um bom jornal.

A falta de recursos financeiros, porém, constituía-se no maior tropêço à concretização dessa idéia. Conseguiu, entretanto, interessar as principais pessoas do lugar, inclusive os próprios Dr. Blumenau, fundador da Colônia e o Dr. Fritz Müller, a maior expressão cultural da Comuna e um dos grandes sábios mundiais, e, assim, preparar o movimento que deu origem à Sociedade mencionada.

É de se salientar que o Dr. Blumenau, durante todo o tempo em que subsistira a Colônia, que fundara e que dirigira por trinta anos seguidos, nunca concordara com a idéia de se fazer um jornal destinado aos seus colonos. Se, de um lado, essa atitude era reprovável, de outra foi altamente proveitosa à ordem e disciplina na Colônia. Os anos que se seguiram à publicação regular do "Blumenauer-Zeitung" vieram dar-lhe razão. As atividades políticas desse jornal, embora, sem sombra de dúvida, voltadas exclusivamente para a defesa do bom nome da Colônia e dos interesses dos seus moradores, provocou a fundação de outro jornal, o "Immigrant" e, dos debates entre as duas fôlhas, nasceram discórdias, lutas sérias, ataques à moral e à dignidade dos contendores e dos seus adetos.

E foi, certamente, prevenido isso tudo, com a sua extraordinária capacidade de análise dos homens e da comunidade que dirigia, que, assinando a ata constitutiva da Sociedade fundadora do primeiro jornal blumenauense, o Dr. Blumenau após à sua firma a restrição "bedingt" (condicionalmente).

Mesmo assim, pressionado, sem dúvida, pela maioria dos homens responsáveis da Colônia que acabara de ser emancipada e que ia iniciar sua vida como parcela administrativa autônoma da Província, o Dr. Blumenau efetuou o pagamento das ações subscritas. Entretanto, já em 7 de janeiro de 1881, poucos dias depois do aparecimento do primeiro número do jornal, êle recebia, de volta, o dinheiro que emprestara.

Assegurada a quantia necessária para a compra do material tipográfico indispensável, foi o mesmo encomendado em Leipzig, na Alemanha, marcando-se o mês de julho de 1880 para iniciarse a publicação do projeto periódico.

Entretanto, os cálculos feitos para a chegada do material e a montagem das respectivas máquinas, ultrapassaram de muito os prazos previstos e, assim, foi marcada nova data de aparecimento do jornal: outubro do já citado ano.

Aconteceu, porém, que, em setembro, deu-se a grande enchente do Itajaí Açu, calamidade que ficou nos Anais da Colônia como uma das mais catastróficas e terríveis de quantas já haviam infelicitado o estabelecimento colonial e cujos prejuízos foram de tal extensão e de tal monta que a própria instalação do Município teve que ser transferida para dois anos mais tarde.

Afinal, a 1.º de janeiro de 1881, apareceu o tão suspirado primeiro número do jornal que começava, depois de superar tantas dificuldades, uma carreira gloriosa.

Vinha em formato modesto 30 x 39,5 cm., com 4 páginas, trazendo, sob o título, em belas letras góticas, a indicação: Redator, Anton Härtel e editor Hermann Baumgarten. Aos lados do título: "O Blumenauer Zeitung" aparece, por enquanto, uma vez por semana, aos sábados e custa 7\$000 por ano e 2\$000 Rs. por trimestre. Pagamento adiantado. Os anúncios custam, por linha 80 réis e só serão recebidos com pagamento adiantado. Agentes: Brusque: E. V. Buettner; Itajaí: E. V. Borowski; Joinville: L. H. Schultz; Destêrro: Júlio Voigt; Rio de Janeiro: E. Bolls, Rua D. Manoel, 20, II; Santa Isabel... Para a Alemanha: Chr. Brandis (Kittler'sche Buch - u. Kurs-

thandlung, em Hamburgo). N.º. 1. Blumenau, sábado, 1.º de janeiro de 1881.

Depois de desejar aos seus leitores um feliz e próspero Ano Novo, o artigo de apresentação conta os principais fatos que precederam o lançamento do jornal, como a fundação da Sociedade Anônima, transcrevendo tôda a ata da sua constituição, e os acontecimentos que retardaram êsse mesmo lançamento e traçando-se um programa que prometia cumprir, superando óbices e dificuldades que o contrariassem, expressando propósito que animava os seus fundadores do tornar o jornal um verdadeiro e corajoso defensor dos interesses da Comunidade a que iria servir e da ética própria a uma imprensa eficiente e sadia.

Da concretização do seu ideal por diante, a existência de Hermann Baumgarten se confunde com a história do seu jornal. Não foi sem propósito que, por ocasião do seu repentino desaparecimento, a 6 de fevereiro de 1908, quando lhe foi dedicada a primeira página de um número especial, dizia-se no seu necrológio: "Blumenauer Zeitung e Hermann Baumgarten eram para Blumenau inteiro uma e a mesma coisa. Poucas vêzes um homem se identifica tanto com a sua obra a ponto de quase não se distinguir dela. No longo tirocínio de mais de cinco lustros, uma existência, o que êle pensava, o modo porque êle agia era o que pensava, era como agia o seu jornal.

Casado com Maria Deeke, filha de Frederico Deeke, também ligado aos fastos blumanauenses como destemido e prudente auxiliar do Dr. Blumenau na administração da Colônia, comandante que fôra da Guarda de Batedores de Mato, Hermann teve os seguintes filhos: Alfredo, Lina, Hermann, Júlio, Frieda e Ricardo. Os rapazes, todos êles, iniciaram-se na arte tipográfica, sob a orientação paterna, mas apenas dois dêles, Júlio e Hermann, mantiveram-se na direção do jornal até que êste deixou de ser publicado. Alfredo dedicou-se depois à fotografia, tornando-se um dos melhores fotógrafos do Estado e Ricardo, mudando-se para São Paulo, fêz-se proprietário de uma fábrica de tecidos.

Como jornalista, Hermann foi arrastado para a política e o "Blumenauer Zeitung" passou a ser o órgão do seu partido e, nessa condição, o seu comportamento foi de uma coerência, de um desassombro, de uma coragem dignos de registro e de admiração.

"Nos primeiros vagidos da luta partidária" - escreve o autor do necrológio que citamos acima - "quando eram poucos aqui em Blumenau que se interessavam e tinham competência para imiscuirem-se nas agitações da política do país, já Hermann Baumgarten com o "Blumenauer-Zeitung" fizera-se o nervo principal da luta e alinhara-se, com diversas pessoas de valor, sob a bandeira que desfraldava Escragnole Taunay com suas idéias liberais sôbre imigração, liberdade de cultos, casamento civil, autonomia municipal e grande naturalização e todos, com a indelével marca das incoerências dos rótulos dos partidos entre nós, aninhavam-se no seio do Partido Conservador".

"Já nesses tempos, em que nos arraiais políticos, tudo corria relativamente calmo, Hermann Baumgarten, apesar de moço, era um lutador de confiança, sôbre quem descansava a parte mais bem orientada, a parte mais sensata do seu partido.

"A êle sempre cabia o grande prêmio e o mais significativo do seu Valor na peleja - os ataques mais intensos do adversário. Era sôbre êle que convergiam em maior número e mais acerados, os raios desferidos do campo opôsto".

Realmente, à frente do jornal que fundara, Hermann Baumgarten foi um lutador dos mais aguerridos, mas também dos mais leais e patriotas.

Mal lançado à publicidade, o "Blumenauer Zeitung", já sob o signo do seu destino, teve que entrar em combates às vêzes violentos, indesejados e indesejáveis, como o que os trabalhos da Comissão Antunes deram causa, já no primeiro e no segundo anos de existência do jornal.

Em virtude da enchente de 1880 - causa da transferência da instalação do município de Blumenau e, também, do lançamento da primeira fôlha blumenauense, - o govêrno imperial nomeara uma Comissão de Engenheiros para, não apenas proceder ao levantamento dos prejuizos causados aos particulares e às obras públicas e avaliá-los, mas, igualmente, proceder aos reparos e substituições que se fizessem necessários.

Entretanto, essa Comissão nem sempre agiu com a imparcialidade e a lisura que o govêrno e a população dela esperavam. Houve reclamações e de tal intensidade cresceu o descontentamento que as coisas assumiram séria gravidade, tendo até a população de Warnow sido forçada a agir com violência contra pagadores da referida Comissão.

Nessa questão, o "Blumenauer Zeitung" não pôde permanecer indiferente. Com a cooperação de intelectuais como Fritz Müller e outros, assessorou baterias contra a atuação da Comissão Antunes e contra aqueles que, movidos por interêsses pessoais a apoiavam. Da simples crítica, embora severa, dos atos e desmandos da Comissão, o assunto transbordou por iniciativa dos adversários para o terreno das retaliações pessoais, principalmente depois que, a 5 de abril de 1883, veio à luz o segundo jornal blumenauense, o "Immigrant", dirigido e inspirado pelo grupo que apoiava a Comissão.

Então já havia sido instalado o município e empossada a sua primeira Câmara, eleita nos fins do ano anterior. A luta entre o "Blumenauer Zeitung", a Comissão Antunes e o "Immigrant", tomou, então, caráter político e não cessou senão com o desaparecimento da própria Comissão, que foi extinta pouco depois.

A êsse período de agitações seguiram-se poucos anos de relativa calma, embora os dois jornais viessem, de quando em quando, a travar novos debates em tôrno de assuntos dos interêsses municipais em jôgo.

A proclamação do regime republicano no país veio criar novas dificuldades ao jornal e aos seus diretores. Professando idéias liberais, mesmo na monarquia, não poderiam êles deixar de abraçar, com entusiasmo, a causa da república e foi com verdadeira alegria que saudaram, em vários editoriais, a aurora do 15 de novembro de 1889.

Disso resultou que velhos amigos lhes voltaram as costas, enquanto inimigos de ontem retornaram às fileiras dos seus colaboradores. Novos homens surgiram no cenário político local e Blumenau assumiu, no Estado, a liderança da oposição ao govêrno do Tenente Machado e do movimento forianista. Isso custou, à população de Blumenau, horas de amargura e de sobressaltos. E o "Blumenauer Zeitung", como um legítimo e desassombrado paladino das boas causas, aparecia nisso tudo com um ardor e um destaque tais, que bem caro lhe iriam custar.

Veio a revolução de 1893. Blumenau, por duas vêzes, viu as tropas de Pinheiro Machado e as dos maragatos atravessarem o seu território. O 28 de julho e o 30 do mesmo mês, assinalaram dois feitos gloriosos dos blumenauenses em armas, em defesa da legalidade. Mas quando os federalistas, batidos no combate de Itajaí, retornaram a Blumenau para, daqui, rumarem

para o Paraná, além de cometerem outros atos de vandalismo, empastelaram toda a tipografia do 'Blumenauer Zeitung', carregando o que puderam e jogando ao rio o que não foi possível transportar. A casa de residência de Baumgarten foi depredada e saqueada.

Só assim, pela brutalidade dessa violência, foi possível fazer calar, por algum tempo, esse desassombrado órgão da imprensa. Serenada a tempestade política com a vitória de Floriano, Hermann Baumgarten procurou reunir em Itajaí e Destêrro, para aonde haviam sido levados, os restos do material de sua tipografia. Mal pôde, entretanto, arrecadar umas peças da sua grande impressora, alguns fardos de papel e nada mais. O que sobrou das máquinas ele vendeu, como ferro velho, por 253\$000 (pouco mais de 25 centavos atuais).

Vieram-lhe, entretanto, em auxílio os seus amigos de sempre, especialmente o então já governador do Estado, Dr. Hercílio Luz, podendo assim, o "Blumenauer Zeitung", com o seu número de 18 de maio de 1895, retomar a sua carreira heróica e gloriosa.

Por ocasião do aparecimento dessa edição, que vinha em formato um pouco maior do que o que tomara em 1889 (35 x 50 cm) quando, a 12 de outubro, deixa de figurar no cabeçalho o nome de Antônio Härtel como redator, e ao alto da primeira coluna o jornal publica, em português e alemão, o seguinte "Agradecimento. O Blumenauer-Zeitung, em seu reaparecimento, torna, com prazer, público um voto de agradecimento ao Dr. Governador Hercílio Pedro da Luz, aos representantes federais do Estado e aos chefes do Partido republicano de Blumenau pelo poderoso impulso que deram para a reconstrução desta fôlha". Em artigo, também nos dois idiomas, explicam-se as razões do desaparecimento forçado e contam-se os passos que foi preciso dar para restabelecer a publicação do jornal.

A partir daí, o "Blumenauer Zeitung" entra num novo período de tranqüilidade, não fôsem as turras com o "Der Urwaldsbote", jornal que substituiu o "Immigrant" e que, depois que passara da direção do Pastor Hermann Faulhaber para as do Grupo Feddersen e para a redação de Eugênio Fouquet, tomara o caráter de órgão político e, como tal, não perdia ocasião de contrariar as opiniões do seu concorrente. Durante toda a existência dos dois jornais, eles nunca chegaram a ter relações pacíficas duradouras, o que, em muitos casos, não deixou de trazer benefícios à coletividade.

Períodos houve, como durante a campanha política de Bonifácio Cunha e Paula Ramos contra o grupo Feddersen e Oto Stutzer, em que as desavenças entre os dois jornais tomaram caráter violento, descambando, às vezes, para o terreno das retaliações pessoais.

Pouco depois do seu jornal completar 25 anos de existência, fato que foi comemorado com um número especial a 18 de maio de 1907, pois que foram descontados os meses em que sofrera a paralização de 1894, Hermann Baumgarten falece, repentinamente, a 6 de fevereiro de 1908, assumindo, então a responsabilidade pela direção do jornal o seu filho Alfredo Baumgarten que prosseguiu nesse posto até 1912.

Nesse ano e pressionados pela crise econômica resultante da pavorosa enchente de 1911, que se constituiu numa das maiores calamidades que o município já tem sofrido, os proprietários do "Blumenauer Zeitung", a viúva e filhos de Hermann Baumgarten, viram-se na contingência de concordarem

com a incorporação do seu jornal ao grupo Feddersen-Stutzer.

Sob as novas condições editoriais, apareceu o "Blumenauer Zeitung", em seu número 48, do XXXI ano, redatoriado por Teodoro Lueders impresso em papel acetinado, com vistoso título em clichê com a efígie da República e motivos da cidade em gravura e com o sub-título: "Órgão para o progresso dos interesses agrícolas de Blumenau". Na primeira página publica os clichês do Dr. Blumenau, de Lauro Müller e de Vidal Ramos, com artigo em que explica a nova situação do jornal e a orientação que lhe fôra dada, distanciada de quaisquer quereias políticas ou injunções partidárias e voltada, exclusivamente, para a defesa dos interesses agrícolas da Comunidade.

Em maio de 1914, volta a ser redator o sr. Carlos Härtel. Com a edição de 10 de agosto desse mesmo ano, torna a ser bissemanário e, com a de 8 do mesmo mês e ano, deixou de usar o vistoso cabeçalho, para voltar ao título, em letras góticas, que adotara desde quase os primeiros números.

Veio, entretanto, a primeira guerra mundial. Apesar das medidas de precaução tomadas pelo govêrno com relação aos núcleos de colonização alemã, em Blumenau não houve maiores entraves e o "Blumenauer Zeitung" continuou a sua publicação em língua alemã até que, com o atundamento do vapor brasileiro "Macau", torpedeado pela marinha alemã no Golfo de Biscoia, o Brasil declarou guerra à Alemanha. Foram proibidos os jornais em língua alemã. E o que deveria ser o número 85 do XXXVI ano do "Blumenauer Zeitung" surgiu como o 1º número do ano 1º da "Gazeta Blumenauense", inteiramente redigido no idioma nacional. Trazia, na primeira página, amplo noticiário do afundamento do "Macau" e sôbre a declaração de guerra e, no espaço destinado ao noticiário local, esta expressiva nota aos leitores: "Estando declarado o estado de guerra entre o Brasil e a Alemanha, o Govêrno Brasileiro decretou imediatamente a suspensão dos jornais publicados em idioma alemão em todo o território da República. Acatamos prontamente esta determinação do nosso Govêrno, não deixando sair a edição de terça-feira, que já se achava pronta. Para tornar conhecidos do público os editais, a fim de que a nossa população ordeira possa cumprir exatamente a lei, no que ela tem timbrado até agora, e para desmentir boatos infundados e malévolos, resolvemos realizar uma velha e justa aspiração nossa: publicar em Blumenau um hebdomadário escrito em língua portuguesa. Tipografia Bau.garten".

Em 1919, terminada a guerra, o "Blumenauer Zeitung" voltou a ser publicado em língua alemã e os anos que se seguiram foram de relativa calma, sem incidentes de maior monta que lhe alterassem a já histórica caminhada.

Em 1931, com um número especial em que colaboraram alguns dos seus antigos redatores, o "Blumenauer Zeitung" completou o seu jubileu. Encontrava-se, então, redatoriado pelo dr. Frederico Kaspareck, depois de o ter sido, durante vários anos por Alfredo Baumgarten e, entre maio de 1923 e setembro de 1924 pelo Barão Hans Adalbert von Maltzahn.

Em 1938, a 2 de dezembro, premido pelas circunstâncias oriundas das medidas tomadas pelo govêrno federal, no sentido de apressar a nacionalização do Vale do Itajaí, o "Blumenauer Zeitung" encerrou a sua gloriosa carreira.

REMINISCÊNCIAS

H. P. Zimmermann

Gaspar, minha cidade natal, de tempos em tempos agitava-se com acontecimentos que fugiam do quadro das ocorrências comuns e transformavam completamente a vida cotidiana de sua população, mesmo que fôsse apenas por alguns dias. Um destes acontecimentos, que se reproduzia com espaço de alguns anos entre um e outro, era a visita pastoral do Senhor Bispo Diocesano. Naquela época, a paróquia de Gaspar ainda pertencia ao bispado de Florianópolis e era de lá que vinha o bispo diocesano visitando as cidades do litoral até o Norte do Estado. Quando vinha em visita pastoral a Gaspar, normalmente vinha de Brusque, depois de ter visitado Itajaí, Camboriú, Tijucas e outras localidades litorâneas.

Para nós a meninada de meu tempo de infância, esta visita sempre significava alguns dias de folga na escola e de serviço em ajuda aos preparativos para a recepção e condigna estadia do alto prelado em nossa cidade, perdão, em nossa freguesia, o que Gaspar naquele tempo ainda era.

Certo domingo o Snr. Vigário anunciava do púlpito da igreja, que daí mais um mês, S. Excia. Revma., o Snr. Bispo Diocesano, estaria em Gaspar para uma visita pastoral, que em nossa cidade demoraria dois ou três dias e depois seguiria para Blumenau. Convidava o povo, para que colaborasse na organização de uma festiva recepção do alto visitante. No dia seguinte, o professor de nossa escola paroquial repetia o aviso e nos dizia, que deveríamos auxiliar nos preparativos para a recepção e a estadia do ilustre visitante,

isto é, que deveríamos auxiliar a comissão encarregada destes preparativos em tudo que lósse necessário e sempre que pudessemos ajudar. Daí em diante, Gaspar começava a fervilhar na expectativa de um grande acontecimento, que roubaria à localidade e à sua população por alguns dias, a pacatez costumeira, para agitá-la com atividades diferentes e para dar-lhe uma movimentação inusitada.

Faltando alguns dias para a chegada do bispo, começavam a limpar cuidadosamente a igreja e a casa paroquial, na qual o visitante e sua comitiva tomariam residência durante sua estadia em Gaspar. Senhoras e moças cuidavam deste serviço e nós, os meninos ajudávamos, carregando água para a lavagem dos pisos e os assoalhos, varrendo os pátcos e carregando ramagens e flôres para a confecção das guirlandas, dos festões e outros ornamentos, bem como, auxiliando a fixá-los nos lugares indicados. Os homens, por sua vez, traziam carradas de palmí'os para o centro da cidade e transformavam as ruas, pelas quais o bispo passaria, em alegres alamêdas. A cidade, então, tomava ar festivo. Também se limpavam as fachadas das casas, que à chegada do bispo eram embandeiradas e as suas janelas enfeitadas com vistosas colchas. As ruas ora transformadas em alamêdas, ainda ficavam mais lindas com os grandes arcos que se levantavam de espaço em espaço, feitos de bambú verde entrelaçado com flôres; no centro das ruas, fileiras de lanternas de papel, pendentes de fios presos em ambos os lados das ruas.

Normalmente, a chegada do

bispo em nossa cidade ocorria entre as 17 e 18 horas. No dia de sua chegada, muitas horas antes já o povo afluía de todos os recantos do distrito e se reunia frente à casa de D^a. Mimi, muito conhecida de todos como "Tia Mimi", a proprietária da maior casa comercial da cidade. Era ela, que sempre oferecia ao bispo, logo após sua chegada, um lauto jantar do qual participavam as autoridades locais e o clero. Era, também, na casa dela, que o bispo se paramentava para seguir em procissão triunfal até a igreja matriz. Grande massa popular reunia-se frente essa casa, para esperar a chegada do bispo.

Nós, os meninos, que desempenhávamos o papel de coroinhas na igreja, lá estávamos também, envergando as camisolas brancas, rendadas, com colarinhos largos e de côres diferentes, portando turíbulo, os vasos com incenso e outros apetrechos mais. Esta espera era sempre muito cansativa para nós, porque não podíamos afastar-nos... e sobretudo, porque éramos obrigados a nos comportar muito bem.

Mesmo com o aspecto festivo do ambiente, isto de ficarmos muito tempo quietinhos e bem comportados, era uma verdadeira tortura, apenas compensada com o privilégio todo nosso, de ficarmos sempre perto do bispo e dos padres que o acompanhavam, quando se dirigiam à igreja e durante as funções religiosas.

À meia tarde, numerosos cavaleiros, montando fogosos corcéis, bem arreitados e enfeitados com fitas multicores, seguiam pela estrada em direção a Brusque, ao encontro da comitiva do bispo e acompanhá-la até a cidade. Outros, com o mesmo fim, rumavam a seu encontro em carruagens bem

enfeitadas, tiradas por bonitas parelhas de cavalos. Quando a comitiva se aproximava da cidade, a sua chegada era anunciada por cerrado espipocar de foguetes e no alto da igreja trovejavam as rouqueiras. A multidão se agitava e formava alas para a passagem dos carros dos visitantes.

Saudado com muitos "vivas", o bispo deixava a sua carruagem e se dirigia à casa de "Tia Mimi". Terminado o jantar ele saía, agora já paramentado, acompanhado de todos os padres presentes, para se dirigir à igreja. À frente íamos nós, os coroinhas, depois vinha a comitiva do bispo, o qual caminhava sob um bonito pálio que era conduzido pelos homens mais notáveis do lugar; depois vinha o povo, formando um grande préstito. A grande procissão passava pelas ruas enfeitadas até a igreja, onde o vigário da paróquia esperava o bispo e, à entrada da igreja, o saudava com breves palavras. Em seguida o bispo entrava na igreja e esta se enchia de povo. Frente o altar mór, o bispo entoava o Te Deum laudamos e depois dirigia a palavra ao povo, dizendo de sua grande satisfação de poder visitar a paróquia e agradecer a cordial acolhida que tivera em Gaspar. Depois o seu secretário lia o programa elaborado para a estadia do bispo em Gaspar, no qual a imposição do sacramento da crisma ocupava vários horários. Terminada esta cerimônia, o povo voltava para casa para voltar nos dias seguintes, para assistir missa e trazer as crianças para serem crismadas. Tudo isto se realizava na melhor ordem, no maior respeito e nunca se soube, que nessas ocasiões tivesse ocorrido qualquer confusão ou desordem.

Quando o bispo deixava a cidade, novamente grupos de cava-

Liros e carros conduzindo cidadãos, o acompanhavam até a divisa com Blumenau. Passaram-se os dias festivos, mas por longo tempo ainda o grande acontecimento era comentado em tôlas as rodas. Curiosamente, naquela época, como ainda hoje é, os protestantes residentes em Gaspar, associavam-se aos católicos nos festejos de tais acontecimentos. Naquela época, o Bispo Diocesano era considerado por todos, uma das grandes autoridades, semelhante ao Governador do Estado. A sua palavra merecia o melhor acatamento e, se os protestantes não o reconheciam como autoridade de sua igreja, todavia o respeitavam como alta autoridade eclesiástica que era.

Uma dessas visitas pastorais ficou profundamente gravada em minha mente. Foi a visita pastoral de D. João Becker, Bispo Diocesano de Florianópolis e, posteriormente, Arcebispo de Pôrto Alegre. D. João, filho do Rio Grande do Sul, era um personagem que impunha respeito e veneração a todos que com êle privavam. De estatura alta, sempre calmo e sereno, dotado do mais sublime dom da oratória, sabia fazer as suas palavras penetrar em todos os corações. Conversava amavelmente com todos que dêle se aproximavam e a todos cativava com as suas maneiras delicadas e democráticas, e com o seu sadio senso de bom humor. Em duas das missas matinais que celebrou em Gaspar, eu fui coroinha e disto muito me orgulhei.

Não pretendo aqui repetir as expressões saudistas que já por várias vêzes extravazaram destas minhas reminiscências, mas, ninguém de bom senso poderá deixar de reconhecer o valor dos acontecimentos passados no tempo de sua infância, para a formação de sua personalidade. As recordações

boas constituem a fortaleza dos homens quando têm de deixar o seu meio habitual e precisam enquadrar-se em novos meios ambiente. Creio, que apenas os pobres de espírito, os completamente indiferentes ou os completamente ignorantes, costumam esquecer o que se passou em sua vida e vivem só o presente. Acho sempre chocante, quando alguém diz: "O que passou, passou... e não me importa mais". Estou convicto, de que tudo o que já passou, deixou um ensinamento ou uma advertência e é uma base segura, para a avaliação exata das cousas do presente. Eu, absolutamente não sou contra o modernismo porém, acho que o modernismo não é mais nem menos, do que o aperfeiçoamento do passado. Todos os inventos técnicos modernos, não se conheciam no passado, mas a nossa cultura moderna, nada mais é do que a cultura antiga, evoluida, aperfeiçoada e aprimorada. Teríamos um sentimento patriótico e cívico, ou teríamos um folclore, se não tivéssemos tido um passado que gravou êsses sentimentos e costumes em nossas mentes? Por tudo isto, eu gosto de relembrar o passado, agrada-me divagar no âmbito de de minhas lembranças do tempo de minha infância, por que isto me oferece a possibilidade de aquilatar melhor o valor dos fatos do presente e me sinto sempre mais enquadrado numa sociedade racional, conciente, cujos valores maiores são os bens espirituais e morais e não os materiais.

Naturalmente, com o correr dos tempos mudam os costumes e o comportamento dos homens e da sociedade, mas nem sempre mudam para melhor. Vivem, os homens de hoje, mais felizes do que os de algumas décadas passadas? Não corria tudo muito melhor

para todos, quando tudo era encarado com mais simplicidade e qualquer acontecimento fora do comum, servia para que o povo se distraísse e se divertisse e vivesse dias mais felizes; quando todos cultivavam os valores cívicos e respeitavam as autoridades instituídas, fôsem elas cívicas ou religiosas?

Não dispunhamos nós, no tempo de minha infância, todos êsses bens materiais e engenhos

técnicos de que o mundo de hoje dispõe, não se conheciam as conquistas científicas que maravilham o mundo moderno. Mas, nós dispunhamos de uma cousa que o mundo dos nossos dias já não mais dispõe: nós, o povo, as nações, o mundo todo, viviam mais em paz, com menos atribulações, menores apreensões e inquietações, do que são as que atormentam o mundo moderno.

UMA CARTA DE PAULO KELLNER

Pelas vicissitudes por que passou Fritz Müller, nos primeiros anos de sua vida de colono, e que já relatamos numa destas crônicas, tem-se bem uma idéia do que sofreram os imigrantes que fundaram Blumenau, até que os frutos do seu trabalho matante fôsem aparecendo. Entretanto, para que esta idéia não se resuma, apenas, num único dos vários aspectos que apresentava a adaptação do colono alemão a um meio hostil, a que êle não estava, absolutamente, acostumado, convém que se conheça o que outros companheiros do Dr. Blumenau faziam e sentiam nos primeiros tempos de existência da nossa comuna. Vamos, então, traduzir a carta que Paulo Kellner escreveu, da nascente Colônia Blumenau, ao seu irmão Adolfo, na Alemanha, em setembro de 1852, exatamente dois anos depois da fundação da nossa cidade. Devemos, antes, dizer que Paulo Kellner que, então, contava 23 anos de idade, foi um dos 17 colonos chegados em 1850. Sobre êle ainda contaremos coisas interessantes. Paulo Kellner escrevia: "Querido Adolfo, Já que te decidiste em vir para cá, eu fico sumamente satisfeito com essa resolução. É o melhor que podes fazer pelo teu futuro e pela tua prosperidade. Ai, na Alemanha, tu ainda precisarias muito tempo para aprender como mais tarde ganhar a vida. Aqui, tu poderás, desde logo, ganhar alguma coisa. Eu acredito que poderemos ficar juntos e juntos começar algum negócio em que teremos sucesso. Pede, então, ao Teodoro que êle escreva, imediatamente, ao Sr. Schroeder e indague, em teu nome, se há algum navio prestes a partir. Seria melhor se tu pudesses viajar no navio "Emma e Luiza", com o capitão Viereck e com o piloto Ewers. O navio seguirá, provavelmente, direto à Colônia D. Francisca. Quando não existirem passageiros suficientes, aos quais tu poderias te ajuntar, que compensem a vinda de um navio até Itajaí, êle vem só até S. Francisco. Em São Francisco pergunta a um dos comerciantes alemães que ali existem, se não há navio para Itajaí. No caso afirmativo, embarca-te nêle com a tua bagagem e, em poucos dias, estarás aqui. Se tal não for o caso, podes fazer a viagem a pé, se encontrares companhia. São, apenas, malmente dois dias de viagem e não poderás te enganar no caminho, pois êste acompanha sempre a beira do mar. Se quizeres indagar do caminho tu deves perguntar: "O senhor faz-me o favor de dizer onde vai o caminho para o Rio Itajaí?" (Esta e outras frases que Kellner ensina ao irmão, estavam redigidas em português e nós as reproduziremos tal como estão na carta). Se tu quizeres atravessar

os rios de canoa então tu dirás: "Faça-me o favor de me dar passagem". Se quizeres indagar sobre algum alemão, tu perguntarás: "Non mora aqui hum allemão?" Copia essas frases; possivelmente poderás aproveitá-las. Ao chegares a Itajaí, dirige-te a Pedro Palm, um negociante alemão e pede-lhe que te ensine o caminho para onde moram os senhores Maurer e Gaertner. Êstes te receberão cordialmente.

No caminho moram também muitos brasileiros corretos. Para refresco na viagem marítima, tu deves trazer uma ou duas garrafas de vinagre de framboesas e uma boa porção de pó efervescente. Também terá um bom emprêgo, depois do enjôo de mar, uma dúzia de arenques salgados. No navio tu os encontrarás à vontade. Deves trazer, além disso: uma meia dúzia de camisas de algodão mais finas e outras mais grosseiras e calças de brim azulado, alguns paletós leves, para o verão, um par de botas de couro de bezerro, mas bem folgadas porque aqui elas encolhem muito e três ou quatro pares de sapatos de marinheiro que, em Hamburgo, tu comprarás bem fortes e baratos. Um travesseiro de penas também seria aqui muito agradável e bem assim roupa de dormir, comprida e quente. O que tiveres de pano, deixa tudo aí pois aqui as traças comeriam. Também não tragas relógio de bolso, pois aqui logo se estragara se não fôsse bem fechado em cápsulas. Mas traz um relógio de parede, pequeno e barato e também dois violinos e as respectivas cordas. E mais dez libras de pólvora e dez de chumbo miúdo. E também compra para ti um chapéu de feltro, mas não com abas muito grandes, leve e cômodo, para os domingos e uns chapéus grosseiros de palha. E mais, não te esqueças de trazer cachimbos para fumar, pois aqui êles são muito caros. Tabaco temos aqui em grande abundância e fumar, à noite, depois do trabalho é sumamente agradável. Traz, também, um pouco de centeio, trigo e aveia, assim como semente de colza, bem secas e numa garrafa bem lacrada. Faremos, com elas, algumas experiências. O presidente da província mandou-nos sementes de algumas espécies de trigo norte-americano. As mesmas já foram semeadas e temos esperanças de bons resultados. Se tudo isso der resultado eu venderei um pedaço da minha terra e construirei, no ribeirão, um engenho para fabricar óleo e um moinho. O preço do óleo aqui é muito alto. O modo de se obter azeite, aqui, é o seguinte: a gente esmaga bem as sementes de mamona, que aqui é muito abundante, num pilão de madeira e depois ferve-se a massa em boa quantidade de água e vai-se recolhendo o óleo que sobrenada. O óleo assim obtido só serve para iluminação. Azeite para alimentação é aqui obtido de uma semente que chamam "Mandubin" e de uma espécie de feijão vermelho. Em Hamburgo, compra-te um acolchoado e um colchão de bordo que aqui aproveitarás muito bem e também alguns machados americanos. O dinheiro que te sobrar em Hamburgo, troca o por piastras espanholas que valem 58 a 50 shillings por unidade e que aqui valem cinco e meia patacas ou 96 vinténs (50 dêstes fazem um mil réis) ou 25 "groschen" de prata. (O "groschen" era unidade do "thaler", moeda então corrente na Áustria e nos estados alemães e mesmo em grande parte da Europa. N. do R.) E Kellner continua: O "thaler" de prata, americano e boliviano também tem curso aqui, mas custa 4 shillings menos. Podes adquirir as novas moedas de prata, de 2 mil réis que provavelmente custarão de 62 a 64 shillings e isso seria melhor. Mas toma cuidado para que não sejas logrado nessa troca. Numa caixa de 1 a 1 1/2 pés de largura e 2 a 2 1/2 de comprimento, poderás acomodar tôdas as tuas coisas e roupas. Deves escrever em cima o teu nome bem claro. Se tu apresentares o teu passaporte em Vehelde (Brunsvi-

que) pagarás só metade do preço da passagem até Hamburgo.

Em Hamburgo terás que combinar com alguém que leve a tua bagagem até o navio. Seria interessante que tu bem antes arranjasses essa pessoa. Tão logo chegues em Hamburgo faz transportar os teus objetos para a casa já combinada para, de lá, serem enviados para bordo. Encontrarás carregadores em todos os cantos de Hamburgo, mas êles cobram muito caro e se tu não combinares, com êles, o preço do carroto, prèviamente, êles te cobrarão ainda mais caro. Se tu tomares um navio de Hamburgo diretamente para Destêrro, quando chegares ali dirige-te ao Cônsul da Rússia, Senhor Von Trompowsky ou ao senhor Éberle. Êles se encarregarão de dirigir-te para cá. Em Destêrro poderás hospedar-te na casa de um hoteleiro alemão, o Senhor Wendhusen; o preço comum da diária é de 4 mil réis. Assim, já te dêi tôdas as informações necessárias; se tu as seguïres, poderás fazer a viagem sòzinho de Vehelde até aqui. Mas mantém-te sempre ativo e corajoso. Teme a Deus e a mais ninguém. Do teu fiel irmão Paulo Kellner". As informações que essa carta fornece são interessantes para se conhecer certos detalhes que os imigrantes que, naqueles anos vieram estabelecer-se em Blumenau deviam ter bem presentes. Iguálmente esclarecem pontos relacionados com o valor da moeda e dos gêneros na época da fundação de Blumenau.

Uma Polêmica Provocada por Fritz Müller

No "O Cruzeiro", de Destêrro, de 22 de Novembro de 1860, consta o seguinte, assinado por Fritz Müller:

"Liceu Provincial — Contradições do Sr. Brusque.

I — O Sr. Guilherme Wellington foi demitido por não estar bem versado no idioma nacional; os Srs. Becker e Müller que o falam menos desembaraçosamente, foram conservados.

II — O Padre Sebastião Antônio Martins, que estava lecionando latim foi demitido em fevereiro e incumbido de novo do mesmíssimo encargo em setembro.

III — O Sr. Brusque achou inconveniente que o Professor de Retórica ensinasse latim, como provou pela demissão que lhe deu; mas não julgou inconveniente ensinar latim um indivíduo estranho ao estabelecimento, como é o padre Sebastião, que até hoje não tem título de professor e entrou em exercício sem pagar novos e velhos direitos, selo, etc.

IV — O Sr. Parucker tinha de pagar novos e velhos direitos ainda depois de demitido, apesar das promessas solenes do Sr. Brusque. O Sr. Padre Sebastião funciona há mais de dois meses sem ter pago um só vintém.

V — O Sr. Brusque quis que todo o curso do Liceu fôsse de quatro anos; não obstante consentiu que os estudantes de latim continuassem divididos em cinco classes, das quais duas até setembro tinham uma hora e meia de lições por semana.

VI — O Sr. Brusque afirma no seu Relatório que no liceu tinha havido relaxação sem culpa do diretor e contudo demitiu o diretor.

VII — O Sr. Brusque censurou a direção do Dr. Becker por ter admitido meninos incapazes de seguir o curso do liceu; ora, em anos anteriores todos os alunos mostraram nos exames ter aproveitado as lições que frequentaram; o que porém não se deu nos anos anteriores deu-se neste. Em prova citemos o Sr. J. A. da S.

VIII — O Sr. Brusque suprimiu a cadeira de história e geografia

e conservou a de desenho, que é verdadeiro luxo em comparação da importância transcendente daquelas ciências.

IX - O Sr. Brusque não julga habilitados para o estudo da história e geografia moços que traduzem Virgílio e Ovídio e estudam Álgebra e Geometria, enquanto que em quase todo o mundo, a geografia e história até entram (e entraram outrora nesta mesma Província) no curso da Instrução Primária.

X - O Sr. Brusque anulou ou consentiu anular-se de fato nas suas disposições mais essenciais (como são os artigos 1º., 2º., 3º., 28º., 30º., 39º., 40º., 90º.), sem contudo revogá-las, e Regulamento dado pelo Sr. Coutinho - e não a substituiu por outro, de sorte que nenhum dos professores sabe de quantos anos seja o curso do liceu e até da sua própria cadeira, nem quais as matérias de cada ano, pelo que tudo se acha na mais completa desorganização. Publicando, Sr. Redator, estes fatos, que, sem comentários, falam altamente, muito obrigará ao seu (ass.) Fritz Müller”.

A resposta a essas proposições foi dada pelo “O Catarinense” de 28 de novembro de 1860 que, entre outros itens tem este:

“O Sr. Becker, ex-diretor do Liceu, já tinha reconhecido que por seu gênio brando não podia manter a disciplina do Estabelecimento. Os alunos não tinham aquêlê respeito que soe infundir uma certa severidade. Portanto o Sr. Becker não foi surpreendido por sua demissão”.

“Não foi só o Exmo. Sr. Brusque, que em seu relatório censurou a admissão de alunos incapazes de seguir o curso do Liceu. Alguns senhores deputados da Assembléia o acompanharam e os examinadores, entre os quais lembra-nos o Sr. Dr. Rapozo de Almeida, também reconheceram esta verdade. Do caso citado pelo Sr. Müller do jovem J. A. da S. ao próprio Sr. Professor cumpria reclamar; mas não o fêz; pelo contrário elogiou sempre o talento precoce daquele aluno”.

“A acusação que vem sob este número (10) já responderam categoricamente os Srs. Professôres do Liceu, inclusive o Sr. Becker, patricio e amigo do Sr. Müller, afirmando que nenhuma das disposições do Regulamento se acha anulada e que tal organização é unicamente na imaginação do Sr. Professor de Matemática. Nada mais acrescentamos, e muito de propósito não moralisaremos o fato executivo de um professor censurar tão desabridamente a suprema inspeção da Instrução Pública na Província, e continuar com a sua presença a autorizar êsses abusos que nota, sem se animar a pedir a sua demissão para não incorrer na parte da responsabilidade que lhe toca como professor, único meio de protestar contra semelhantes abusos”.

No n.º 62 de 29 de Novembro de 1860, no “O Cruzeiro”, Fritz Müller volta com a seguinte declaração:

“Liceu Provincial — Declaração

Agradeço sincera e publicamente aos meus digníssimos senhores colegas e ao Revmo. Pe. Sebastião Antônio Martins a confirmação indireta que deram ao artigo, contra cuja última asserção protestaram no “Argos” de 24 do corrente - pelo fato mesmo de não protestarem senão contra esta última asserção. Permitam-me contudo que não obstante o seu protesto eu torne a repetir a asserção contestada “de ser a mais completa a desorganização do Liceu”; e para provar-lhes que não a avancei irrefletidamente, passo a demonstrá-la. Há desorganização onde se destroe uma organizaça que existia. Ora, no Liceu Provincial havia organização dos estudos em curso regular; em prova veja-se a tabela anexa ao Regulamento da Instrução Secundária. E havia organização moral porque existia um regulamento religiosamente observado. Nem uma nem outra hoje subsistem. A Organização dos estudos dada pelo Sr.

Coutinho foi aniquilada pela demissão dos professôres de retórica e de história e geografia. A reforma proposta no Relatório do Sr. Brusque é autorizada pela Assembléa Provincial não foi levada a efeito. Assim, hoje, a organização dos estudos é nula ou, em outras palavras, a desorganização é a mais completa possível. A desorganização moral começou no dia em que pela primeira vez se violou um artigo do Regulamento não revogado e tornou-se a mais completa possível, no dia em que se expulsou um aluno por ter invocado em seu favor as disposições do Regulamento. Se esta demonstração não lhes parecer concludente e se para isso fôr provocado, poderei entrar em mais pormenores. Aproveito êste ensejo para declarar a meus colegas que o artigo publicado no "O Cruzeiro", de 22 do corrente não é dirigido contra o Liceu e sim única e exclusivamente contra quem tem culpa do estado irregular em que atualmente se acha. Se eu fôsse inimigo do Liceu, alegrar-me-ia com a sua decadência e com as aduladores do Sr. Brusque e defenderia os abusos que nêle se têm introduzido; se considerasse o meu emprêgo unicamente como meio de subsistência, seria indiferente e calar-me-ia para não expôr-me a ser multado por irregularidade de conduta; se pois falei foi por não poder ver sem mágoa arruinar-se um estabelecimento a cujo desenvolvimento dediquei, por quatro anos, o melhor do meu tempo, arruinar-se, repetir, e descair do estado esperançoso a que o tinham levado a proteção paterna de uma presidência conscienciosa e os esforços solícitos de uma direção inteligente.

Para forçar, se fôsse possível, os pretendidos defensores do Liceu a entrarem em discussão de fatos, em vez de responderem por insultos pessoais, era necessário, que do Liceu mesmo saísse um protesto contra o seu estado atual. Ora, sou eu o único dos professôres que, nem tendo recebido favores do Sr. Brusque, nem tendo contra êle a mais leve queixa pessoal, - sendo o único, digo, que podia falar contra o Sr. Brusque sem ser taxado ou de ingrato ou de vingativo, julguei de meu dever falar - e falei. Destêrro, 25 de Novembro de 1860. Fritz Müller".

"O Cruzeiro" em seu número 63, de 2 de dezembro de 1860, volta à carga, desta vez em artigo editorial e mais violento, confirmando as acusações de Fritz Müller contra o Presidente Brusque em relação ao Liceu e explicando, com detalhes, os itens expostos pelo primeiro artigo de Fritz Müller. No X, o jornal escreve:

"As dez respostas presidenciais encerram-se em duas: 1.º) mistificação; 2.º) ignorância. Sôbre a demissão do Sr. Müller, que de certo tem sido um juiz severo e incômodo à ordem e saber que tem mostrado os proprietários do Liceu, o ilustre sábio nem a pede, nem a repugna. O seu procedimento de nobre caráter é uma antítese com a vergonhosa mistificação, que tem se dado entre a absurda e tresloucada direção do Liceu e a conveniência da presidência. Agora duas palavras ao redator do "Catarinense". Diz o mestre do Sr. Francisco Carlos da Luz, órgão genuíno do partido - Silveirista - que as dez proposições do libelo acusatório tinham sido firmadas pelo Sr. Dr. Müller. Alto lá! meu reverendo senhor! Há falta de caridade e injúria nessa asserção. O Sr. Müller pensou, escreveu e assinou as suas dez proposições sem o auxílio de segundo, porque não obstante ser estrangeiro, escreve o português com muita superioridade, e sem galicismos, o que aliás não succede com o Sr. Redator, como poderemos mostrar-lhe, apontando-lhe erros palmares de dicção. Nem o saber, nem o caráter do Sr. Müller consentem que êle firme escritos alheios, como costuma succeder com certos sermões, textualmente copiados e dezenas de vêzes repetidos. Quem diz o que quer, ouve o que não quer".



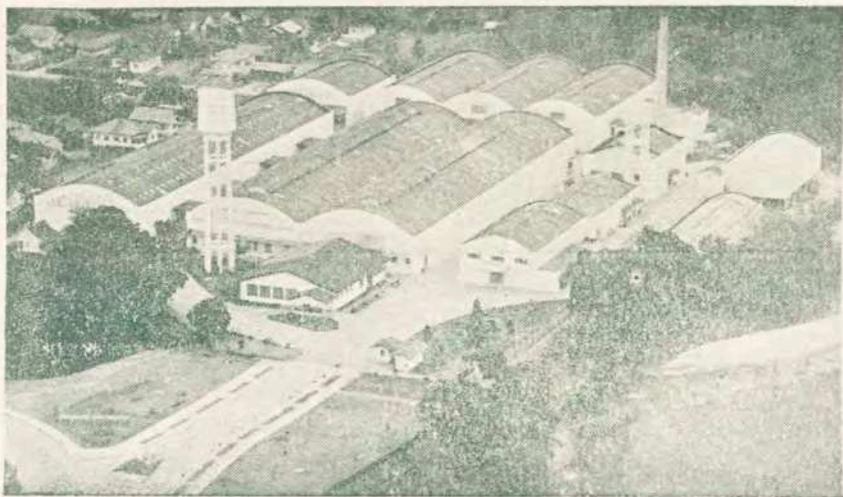
SUPERMERCADO KOFFKE
SEMPRE COM BOAS OFERTAS
CARLOS KOFFKE S. A.

TELEGR. «CARLOSKOFFKE» ou «KOFFKE» - Fone, 1177 - Caixa Postal 277

Capital : NCr\$ 150.000,00

B L U M E N A U

Rua 15 de Novembro, 55 — SANTA CATARINA



VISTA AÉREA DAS DEPENDÊNCIAS DO DEPARTAMENTO DE
FUMO DA CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ,
SITUADA À RUA AMAZONAS, 2.500

BLUMENAU

--

SANTA CATARINA

O
